

A vida epistolar de Lima Barreto: entrevista com Lilia Schwarcz

Ligia Fonseca Ferreira¹

Marcos Antonio de Moraes²

Manuscrita: *Lima Barreto, triste visionário* (Prêmio Jabuti, 2017), tornou-se biografia de referência obrigatória para os estudiosos do escritor, nascido em 1881 e falecido em 1922. Seu trabalho vem contribuindo para reposicioná-lo no campo da literatura brasileira. Outra grande contribuição deve-se ao fato de você ter trazido à tona inúmeras outras facetas, pouco ou mal conhecidas, quando não francamente estereotipadas, do autor negro, pobre, marginal, alcoólatra, vítima impotente do racismo, ressentido com a ordem republicana, tão ou mais excludente do ponto de vista socio-racial do que o regime anterior desde antes da Abolição, “ressentido” também com a *República das Letras*. Qual o lugar da correspondência na elaboração de *Triste visionário*?³

Lilia Schwarcz: Lima Barreto trocou missivas com boa parte da jovem intelectualidade de seu tempo, que via nele uma espécie de padrinho. Esse é um lado pouco explorado na obra de Lima Barreto. Eu tento lidar bastante com ele, para mostrar a relevância do conceito de geração na obra de Lima Barreto, de um lado, e de outro lado, na atuação do escritor como “animador dos iniciantes na literatura”, uma vez que ele trocou correspondências com vários jovens escritores que lhe procuravam, em busca de incentivo, em busca de ideias, em busca de inspiração. Como mostro no livro, ele também recebeu vários originais, que lia com muita atenção. E essa é toda uma parte epistolar da vida de Lima Barreto pouco explorada e que destaca esse lugar de mestre que ele ocupava. Um mestre informal, como ele gostava de brincar, um mestre sem dinheiro, como ele sempre explicava a seus “discípulos”, entre

1 Professora associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, com doutorado pela Universidade de Paris 3 – Sorbonne, e pós-doutorado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP. E-mail: ligia.ff@uol.com.br.

2 Professor de literatura brasileira no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-C, CNPq. E-mail: mamoraes@usp.br.

3 Esta entrevista foi realizada primeiro oralmente e depois transcrita. Por isso ela guarda muitas das formas de oralidade usadas nas respostas.

muitas aspas. Talvez a correspondência mais famosa de Lima Barreto tenha sido com Monteiro Lobato. Eu digo mais famosa, porque é a mais conhecida do público, mas não amais relevante, na minha opinião. Essa correspondência com Monteiro Lobato mostra esse lado tão irreverente de Lima Barreto. Porque Monteiro Lobato, em determinado momento, pede para que Lima confirmasse o seu endereço, e Lima responde: “eu não sou quilombola, não”. Vejam que interessante o uso do termo “quilombola”, hoje tão explorado (ainda bem) por todo ativismo negro, como o lugar do encontro, o lugar da formação de redes. E Lima Barreto, no início do século XX, falando que não era quilombola, no sentido de ter residência fixa. Essa é uma questão, para mim, da maior relevância, e que mostra o apuro crítico de Lima Barreto, bem como sua consciência sobre o lugar em que morava. Ele, que era um jovem escritor, jornalista também, cronista, que morava em Todos os Santos, uma cidade das periferias, dos “subúrbios cariocas”, melhor dizendo, como então eram chamados esses bairros do Rio de Janeiro, conectados pela Central do Brasil. Então, é muito importante e sensível esse tipo de resposta, revelando um carinho, inclusive, pelo seu lugar de residência e pela sua vizinhança, onde, de fato, ele era também tratado como um padrinho. Ou seja, eu mostro no livro a maneira como Lima era recebido enquanto andava pelos subúrbios do Rio de Janeiro. Era quase um Policarpo Quaresma, porque no romance o escritor narra como a vizinhança marcava o horário do dia em função das andanças do Major Policarpo Quaresma. Isso na ficção. E na vida, Lima Barreto era também um relógio dos subúrbios: o momento em que ele pegava o trem e anotava as arquiteturas, as pessoas que ele via da janela do trem e de dentro do trem.

Manuscrita: Os dois volumes da correspondência de Lima, publicados pela Brasiliense, em 1956, reúnem a totalidade dos documentos preservados na Biblioteca Nacional ou, em suas pesquisas, você encontrou inéditos?

Lilia Schwarcz: Francisco de Assis Barbosa teve esse papel fundamental não só para a biografia, para a construção da biografia de Lima Barreto, como para a preservação da obra de Lima Barreto. Eu sempre gosto de destacar um fato da maior importância: Francisco de Assis Barbosa retirou a obra de Lima Barreto do limbo. Boa parte dos livros, a maior parte, eu diria, encontrava-se esgotada, sem possibilidade de acesso, alguns publicados em Portugal, os contos dispersos por entre os jornais. E Francisco de Assis Barbosa foi quem reuniu e organizou essa obra toda e, além do mais, chamou comentaristas para interpretá-las. Comentaristas mais ou menos felizes, mas era o que havia de melhor (e à disposição) na inteligência brasileira naquele contexto. Pois bem, foi também Francisco de Assis Barbosa quem fez a organização das cartas de Lima Barreto e publicou praticamente a totalidade das cartas encontradas. No livro, incluí trechos que foram deixados de fora, alguma correspondência que talvez Francisco de Assis Barbosa achou menos importante e eu julguei mais relevante. Essa era uma correspondência que Lima Barreto guardava consigo na Limana, sua biblioteca particular. Na morte dele, para custear os valores do enterro, a família doou a Limana que acabou ardendo num incêndio, nessa que era uma biblioteca privada. E parte do que foi conservado, foi mantido justamente na Biblioteca Nacional. Então, não há muito mais do que isso que Francisco de Assis Barbosa publicou. Repito, aqui: apenas trechos de uma ou outra carta que eu destaco na obra. Mas o grosso está lá, nesse vasto volume sobre as correspondências de Lima Barreto, sobretudo

com escritores mais jovens do que ele, uma geração que ele viu crescer nos anos dez, vinte, do começo do século XX.

Manuscrita: Sabe se existem planos para uma edição da correspondência reunida de Lima Barreto?

Lilia Schwarcz: Não sei dizer se existem planos de uma nova edição da correspondência e, sobretudo, uma correspondência maior, contendo a totalidade das cartas trocadas por Lima Barreto e outros agentes desse contexto da Primeira República. Há no mercado editorial um pé atrás, como se diz, em relação a obras epistolares. Infelizmente, ainda não há um grande público leitor cativo para esse gênero, como deveria, aliás, existir. Ou seja, o gênero epistolar tem uma importância fundamental, não só testemunhal, para a produção de um estilo, de uma estética e de um gênero de produção literária. As cartas de Lima Barreto, no seu conjunto, são muito divertidas e, por meio delas, é possível entender a personalidade do escritor: sua ironia, suas ambiguidades, as suas lutas, a sua sensação de fracasso, também. Esse é, assim, um gênero fundamental por conta das ambivalências que permite incluir na própria personalidade de um autor. Quando escrevi *Lima Barreto, triste visionário*, o livro de alguma maneira também se move como uma homenagem a Francisco de Assis Barbosa, presente tanto na lombada, como na guarda e no capítulo final. Mas um dos desafios de escrever uma nova biografia de Lima Barreto, depois de uma biografia tão fundamental de todo um grupo, que eu chamo de “limenhos”, “limenses”, um grupo tão dedicado à obra desse escritor genial, na minha opinião, foi trazer os marcadores sociais das diferenças, portanto, as questões de raça, gênero, sexo, região, geração, e interseccioná-los, justamente destacando as ambiguidades, as ambivalências de uma personalidade tão fundamental como Lima Barreto. Muitas vezes, as biografias são construídas, sobretudo as mais antigas, para transformar aqueles intelectuais selecionados em “monumentos”, para consagrá-los, apenas. E, como digo na Introdução, pretendia dar a Lima o afeto, a subjetividade, a ambiguidade que ele bem merecia. Pois bem, por que que estou dizendo isso? Porque o gênero epistolar, as cartas de Lima, são uma espécie de porta aberta para a entrada nas subjetividades do escritor. Subjetividades tão importantes para a retomada crítica e interpretativa das obras de Lima Barreto, como fundamentais para a revisão da biografia de Lima Barreto. Ninguém é paladino da sua vida a todo momento, e trazer as contradições desses grandes personagens, nesse sentido, humanizá-los, dar a eles as ambiguidades que todos e todas temos, é uma forma de rever, reconstruir e chamar para perto a vida desses que são intérpretes do nosso país. E, nesse sentido, a literatura epistolar tem uma importância fundamental. Então, eu torço para que sejam novamente editadas as cartas de Lima Barreto.

Manuscrita: Alain Pagès chamou a atenção para as perdas de informações privilegiadas quando edições de correspondências não reportam a elementos

constitutivos da “aparência” ou “materialidade epistolar”.⁴ Você teve acesso aos manuscritos autógrafos? Poderia nos dar algum ou alguns exemplos que lhe chamaram a atenção e por quê?

Lilia Schwarcz: Concordo totalmente com a afirmação. Chegar mais próximo dos manuscritos tem uma importância fundamental. Tive acesso a um material original, sobretudo, na Biblioteca Nacional, um pouco na então biblioteca de José Mindlin, hoje Biblioteca Brasileira Mindlin, sediada na USP, um pouco no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, também junto à família de Francisco de Assis Barbosa. Fui coletando o que era possível. A importância de chegar à materialidade dos originais é inestimável. Eu, por exemplo, no livro, noto como em alguns contos a letra de Lima Barreto, de repente, fica mais nervosa, mais tremida. É como se a gente sentisse o pulso do escritor. Há uma passagem que eu acho muito bonita, em que eu acabei coligindo o original dos diários do hospício e o original do volume do livro inacabado de Lima Barreto, *O cemitério dos vivos*. É comovedor notar como, em *Diário do hospício*, que ele escreve quando estava internado no manicômio nacional, em 1918, Lima descreve sua vida, é claro, mas também como está preparando, ao mesmo tempo, justamente a sua novela inacabada, *O cemitério dos vivos*. Então, muitas vezes, no *Diário*, ele inclui o nome de “Vicente Mascarenhas” que viria a ser personagem desse romance, risca e coloca no lugar: “Lima Barreto”. E eu pude notar como, também no livro *O cemitério dos vivos*, por vezes ele escreve “Lima Barreto”, risca e coloca “Vicente Mascarenhas”. Durante um tempo, dizia-se que isso acontecia porque Lima Barreto andava delirando, mas eu concordo com a hipótese de Augusto Massi, segundo o qual, na verdade, Lima Barreto estava fabulando a própria vida. Então, de alguma maneira, ele estava ficcionalizando a própria vida. Ora, eu acho que aqueles e aquelas que não chegam aos originais perdem essa alma do escritor. Perdem esse pulso da literatura. Da literatura e da não ficção, também. Porque é possível ver uma letra que fica repentinamente mais tremida, uma letra que fica mais frágil, uma letra que fica mais forte, é possível notar quando um escritor risca, quando escreve por cima. Isto é, a gente consegue entender as oscilações do texto e chega mais perto da alma do escritor ou da escritora.

Manuscrita: O que as correspondências do autor revelaram – ou desmentiram – acerca do autor e de suas relações familiares, redes de sociabilidade, processos de criação, da recepção de sua obra, de sua legitimidade ou busca de legitimação no meio literário carioca, dos embates e violências sofridas, como o racismo?

Lilia Schwarcz: As correspondências foram fundamentais para entender uma série de aspectos da obra e da vida do escritor. Em primeiro lugar, há o volume

⁴ PAGÈS, Alain. “A materialidade epistolar. O que nos dizem os manuscritos autógrafos”. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 67, ago 2017, pp. 106-123.

chamado *Diário Íntimo* que, na verdade, corresponde a um esforço da irmã de Lima Barreto e de Francisco de Assis Barbosa, que coligiram uma série de cadernetas e anotações dispersas de Lima Barreto. Então, esses diários íntimos foram transformados no gênero diário, mas eram, no fundo, cadernetas de anotações. Então, o que eu diria é que as correspondências e os diários de Lima, essas notas dispersas, ajudam a entender muito da trajetória do escritor. Por um lado, e como mostro no livro, revelam a aposta que ele tinha como escritor. Quando ele diz no seu diário íntimo “ó literatura, ou me dá o que peço, ou me mata”, o que isso queria dizer? Isso mostrava o quanto Lima Barreto queria viver da sua literatura. Por outro lado, na correspondência trocada com aqueles seus “discípulos”, entre aspas, é possível ver como ele, ao final da vida, foi se apequenando, no sentido de não lutar mais. Continuava ativo, escrevendo, publicando crônicas, terminando seu livro de vida toda *Clara dos Anjos*, mas também já se encontrava muito doente, tinha se aposentado, pensava que depois da aposentadoria conseguiria, aí sim, se dedicar a sua literatura, mas a saúde não o permitiu, porque penso que o racismo mata, mesmo. E foi o que aconteceu com o Lima Barreto. E nessa correspondência e nessas notas é possível ver como o Lima Barreto fala do racismo existente no Brasil, chama a atenção para as impossibilidades que enfrentou, ele sendo uma pessoa de classe média baixa, morador dos subúrbios, negro. Ele diz explicitamente isso, como ele lidou com muitas dificuldades, não só nas poucas editoras existentes no Brasil – ele pagou pelas edições de seus livros –, como também dificuldades nos jornais em que colaborava. Ele desabafava sempre dizendo: “meus artigos ficam todos na gaveta”. Então a correspondência traz essa frustração de Lima Barreto. É muito difícil acompanhar esse movimento interno: como ele tinha muitas esperanças e depois se desilude. Ele começa o diário na abertura do século, em 1900, e escreve: “quando comecei a escrever este, uma esperança pousou”. Ele é então um jovem cheio de esperança, cheio de sonhos, e que vai, de alguma maneira, vivenciando as agruras do racismo e da sua própria posição social. Mas Lima nunca abre mão de sua literatura e de denunciar o racismo no início do século XX. Mas as correspondências trazem muitos e tantos lados. O meu livro traz uma questão, a meu ver, muito importante, que é falar do triste, da tristeza, mas é tratar “triste” também, não só como alguém caído, mas como alguém que insiste, como alguém que não desiste. E Lima Barreto tinha muito disso. Ele tinha um projeto, tinha sua agência, e não desistia jamais. Quando falece, tinha muitos contos por entregar, um romance de peso, incompleto, outro completo. E a correspondência mostra esse outro lado de Lima Barreto tão importante que é a agência, o projeto. Então, na correspondência, pode-se ver e entender todos os seus planos, planos que ele embute, que ele encoraja na nova geração, para que queiram mais e façam mais. E a correspondência também traz o seu grupo de amigos, que circundavam o futuro escritor desde os tempos da Politécnica. Eram todos amanuenses, e formavam uma confraria por eles chamada de “o esplendor dos amanuenses”, com integrantes como Bastos Tigre, por exemplo. Esse era um grupo boêmio, modernista, que, dizia ele, reunia-se para debochar e falar mal dos outros. Eles se encontravam nos cafés do centro do Rio de Janeiro e constituíam outras elites, elites de uma classe média mais remediada, com mais negros. E é muito original pensar a Primeira República a partir desse lugar, a partir desse grupo. E a correspondência mostra como ele não se encontrava isolado. Muito se falou de Lima Barreto como figura isolada, mas não é verdade, pois ele trabalhava

muito amparado por esse grupo. Um grupo que ele levava, uma sociabilidade que ele levava, desde os tempos em que fez a Escola Politécnica, mesmo não tendo se formado. Por fim, a correspondência deixa entrever as relações com a vizinhança, também. Ele tinha tremendo afeto pelos subúrbios. Isso pode ser visto pela quantidade de contos que se referem aos subúrbios, e sobretudo a Todos os Santos, onde ele morava. Mas isso se refere também à correspondência em que ele fala das relações com a vizinhança, das relações com as crianças, para quem ele comprava uma bala, dava uma moedinha. Era uma pessoa muito enraizada na sua vizinhança e também com muito afeto por seus dois irmãos e sua irmã. E com muita ambiguidade em relação ao seu pai, que o fez abandonar a Escola Politécnica. Ele vira arrimo de família quando o pai se aposenta e quando a loucura sai da instituição, porque o pai trabalhava na colônia de alienados da Ilha do Governador. E Lima foi muito feliz por lá. As notas sobre esse período são de extrema alegria. No entanto, quando seu pai se aposenta, e se deixa estar caído horas e mais horas numa poltrona, mudo ou soltando gritos, Lima se refere a ele como “meu pobre pai”. A morada de Lima era conhecida na vizinhança como “casa dos uivos”, justamente por causa dos gritos que o pai soltava a todo tempo. Acho a relação de Lima com o pai de uma beleza tremenda, porque mostra a ambiguidade de todos e todas nós. Essa relação tão íntima e tão bonita com os nossos pais e mães, e ao mesmo tempo essa relação de cuidado, que é uma relação onerosa, também. Então, isso tudo está presente nas correspondências, um Lima mais subjetivo, um Lima mais humano.

Manuscrita: Em 1996, Antonia Cristina de Alencar Pires, num breve estudo sobre as cartas de Lima Barreto, chama-o de “epistológrafo compulsivo”.⁵ Ressaltou serem suas cartas “verdadeiras lanternas iluminadoras” ao tratar dos “processos de criação” e da própria “práxis como escritor”. Como você vê as cartas de Lima Barreto como espaço ou testemunho de criação literária?

Lilia Schwarcz: Essa é uma questão muito importante, porque as correspondências, assim como os diários dentro das correspondências, trazem pequenos lampejos, faroletes, sobre o processo criativo de Lima Barreto. Vou dar um exemplo: a crítica mais modernista tentou caracterizar Lima Barreto como um escritor descuidado, uma literatura cheia de erros, uma literatura mal-acabada. O material manuscrito que Lima Barreto nos legou mostra, porém, o contrário: como ele escrevia [e] reescrevia seus textos. Mas também mostra um elemento de classe social: diferente de outros escritores de extração modernista, Lima Barreto teve que pagar pela publicação das suas obras e, ao pagar, ele teve de ir ao encontro, muitas vezes, de casas impressoras, de editoras de menos qualidade. Então, nas suas cartas, por exemplo, ele comenta sobre os “gatos”, os erros presentes em suas edições. Interessante é que é dessa maneira – gatos – que ele chama os fios soltos e descampados da sua vizinhança; em mais uma referência aos subúrbios:

5 PIRES, Antonia Cristina de Alencar. “Cartas de escritor: notas sobre a correspondência de Lima Barreto”. Boletim CESP, vol. 16, n. 20, jan-dez 1996, pp. 107-115.

aqueles mesmos “gatos” e fios de eletricidade desordenados que ainda percorrem os subúrbios cariocas. Fios que conduzem luz, que conduzem o que for, e que com muita frequência terminam num grande emaranhado, numa grande confusão. Ele se refere assim a seus livros, porque havia menos cuidado, aí sim, das casas editoriais. Os escritos também contam o *bas-fond*, as estruturas de onde ele retira o seu material inspiracional. No capítulo do meu livro chamado “Uma literatura em trânsito”, demonstro como boa parte da inspiração de Lima Barreto veio de seu caminho de ida e volta à Central do Brasil. Ele trabalhava como funcionário público do ministério da guerra e estava, portanto, cercado por militares, com quem ele, aliás, se dava muito mal. E nesse percurso é que ele, primeiro, anotava as pessoas sentadas no trem. Aliás, nesse contexto, existiam dois tipos de trens: os que ele chamava de “trens proletários”, que custavam mais barato, nos quais ele viaja e anotava as “mocinhas”, como ele dizia, os rapazes, as roupas, os sapatos, as expressões, as irritações, os afetos. Anotava, também, o que ele descrevia como “arquitetura caótica” dos subúrbios, os diferentes estilos dos subúrbios. E é possível ver essas anotações aparecerem onde? Nas próprias obras mais acabadas. Lá é possível observar, na própria ambientação dos romances, descrições detalhadas dos subúrbios, descrições cuidadosas das pessoas negras. Tudo isso conforma a estrutura do romance, fundamental na construção da obra de Lima Barreto. Há um capítulo também que eu chamo de “Clara dos Anjos ou as cores do Lima”, no qual tento anotar todas as vezes que Lima Barreto se refere às cores dos seus personagens. É impressionante a incidência das populações negras nas personagens de Lima Barreto, nas situações que envolvem as pessoas negras. Essa etnografia das cores que ele vai presenciando nesse caminho de ida e volta à capital, como era chamada, a região central do Rio de Janeiro. Então, sim, nessa correspondência nós vemos o lugar do etnógrafo e da literatura realista, porque Lima Barreto era grande leitor dos russos, e gostava de se dizer adepto de uma literatura realista. E dizia gostar também de descrever seus personagens com muito rigor e riqueza de detalhes. E é nesse material que nós percebemos as estruturas, a carpintaria e a etnografia que Lima Barreto faz. Ele, que era um escritor que se dizia realista e engajado também. Que afirmava realizar uma literatura militante. Porque ele militava pelas causas sociais, ele militava por uma república mais inclusiva e não tão exclusivista. Não que sua literatura fosse mera consequência, digamos assim, de seu contexto. Antes ocorria o oposto; era o contexto que lhe servia de inspiração.

Manuscrita: As cartas de Lima Barreto podem ser vistas como lugar da gênese de um pensamento crítico?

Lilia Schwarcz: Eu diria que as cartas, mais os livros, contos, crônicas é que podem ser tomados como gênese. Eu não costumo trabalhar só dessa maneira. Eu me valia muito das cartas e das correspondências de Lima para construir, para chegar mais perto da pessoa chamada Lima Barreto. Mas creio, como já disse anteriormente, que Lima Barreto passou a ficcionalizar sua vida. Então, essa trajetória de ida e volta entre a correspondência e as obras de Lima Barreto é fundamental, porque ele constrói essa ponte com tremenda frequência. Ou seja, as notas, a correspondência, passam imediatamente para os livros, e os livros voltam para a

correspondência. E, também, da correspondência com a obra de não ficção de Lima Barreto, com as crônicas de Lima Barreto. É possível identificar, por exemplo, trechos inteiros que estão nas correspondências e que passam imediatamente para ficção. Clara dos Anjos é toda ambientada na etnografia que Lima Barreto faz nos seus manuscritos sobre os subúrbios, inteirinha. Por outro lado, a biblioteca de Policarpo Quaresma corresponde à descrição que Lima faz da sua Limana, sem tirar nem pôr. É muito bonito para o pesquisador de Lima Barreto fazer esse cotejamento entre os manuscritos e as obras, e das obras para os manuscritos.

Manuscrita: Em 2019, realizou-se na Fundação Biblioteca Nacional (RJ) a exposição “Monteiro Lobato, o homem, os livros”, contendo uma seção dedicada à correspondência entre Lobato e Lima Barreto. Nesse mesmo ano, ao lado de Marisa Lajolo, você lançou uma biografia autor do Sítio do Picapau Amarelo voltada para o público infanto-juvenil. Para a biógrafa de ambos os personagens, por que razão as trocas epistolares entre eles suscitam mais interesse (foram publicadas na década de 1950 e, recentemente, em 2017) do que outras mantidas com renomados escritores, críticos ou instituições literárias?

Lilia Schwarcz: A professora Marisa Lajolo organizou esse volume por conta do interesse pessoal e profissional e acadêmico que ela tem por Monteiro Lobato. Então, para a obra que ela realizou, trazer a correspondência com Lima Barreto era fundamental. Por quê? Essa correspondência foi, como vocês destacam, republicada em 2017. Até diante das questões dos tempos do agora é importante recuperar essa que foi, de fato, uma amizade bastante estreita entre Lima e Monteiro Lobato. Quando comecei a escrever a biografia de Lima, eu imaginava que o Monteiro Lobato não sairia muito bem nessa história, haja vista os livros que publicou durante a vida e que vêm mostrando cada vez mais sua ligação com a eugenia. Ele chegou a elogiar a Ku Klux Klan! Então, imagine o que significa e como é complexo o processo de recuperar a amizade, mesmo, entre os dois homens. No meu livro, mostro que, de fato, Monteiro Lobato ajuda Lima Barreto em diferentes momentos da vida do escritor. Primeiro, Lima manda um conto para Monteiro Lobato, que o publica imediatamente. Depois disso, Monteiro Lobato é quem toma a iniciativa de enviar uma carta a Lima Barreto, que é levada pela irmã de Lima, Evangelina, que encontra o irmão no hospital militar. Ele tinha quebrado a clavícula depois de uma de suas inúmeras bebedeiras. Esse era Lima: essa boemia, essa boemia negra, esse lado pouco comportado, esse outro modernismo. E Lima Barreto aceita e acaba publicando um livro com Monteiro Lobato. E eles passam a trocar correspondências desde então. A correspondência entre eles é muito amistosa, eu diria. De alguma maneira, um acaba “espetando” o outro, “apimentando” o outro, enfrentando o outro, mas, de alguma maneira, eles também se respeitam muito, se entendem muito e trocam essas cartas. Então, trata-se de uma correspondência muito importante, mas não acho a mais importante. Marisa Lajolo, grande (a maior) pesquisadora de Monteiro Lobato, e que me ajudou, inclusive, tem esse interesse centrado em Monteiro Lobato. Marisa e eu temos, inclusive, uma passagem muito bonita, porque há toda essa polêmica, ainda, em relação ao encontro pessoal, ou não, que teria ocorrido entre os dois

escritores. Deixe-me explicar melhor. A literatura epistolar também “permite falhas”, no sentido de que não sabemos dizer com certeza se escapou, na correspondência trocada entre eles, alguma carta de Monteiro Lobato ou de Lima. De toda maneira, conhecemos uma passagem bem significativa: Monteiro Lobato diz ter marcado um encontro com Lima Barreto, quando vem ao Rio de Janeiro, e ao chegar lá se depara com o personagem muito ébrio. Escreve Lobato que preferiu abrir mão do encontro. Lima não confirma nada disso na vasta correspondência que temos sobre esse episódio. Então, a própria Marisa Lajolo me aconselhou a escrever uma estrutura de frase que eu uso demais no meu livro: “até o momento”, “pelo que se sabe”. Ou seja, eu não aposto que eles se encontraram ou que eles não se encontraram, porque, até o momento, não temos elementos para tal certeza. De toda maneira, e só retomando a pergunta, tudo isso não quer dizer que essa seja a única correspondência importante de Lima. Ao contrário, como eu venho dizendo aqui, na minha opinião, a literatura epistolar produzida pelo escritor revela um outro lado muito destacado na obra e na biografia de Lima Barreto. Esse lado de Lima Barreto atento, animador, e incentivador das novas gerações e de uma literatura realista, de uma literatura menos espelhada nos franceses e nos russos, diz ele. Uma literatura mais brasileira, uma literatura mais militante, como ele gostava de definir a sua própria literatura.

Manuscrita: Como curadora e pesquisadora no campo das artes, você possui vários textos neste campo, além de ministrar cursos voltados para uma leitura histórica, antropológica e social de documentos visuais. Em sua opinião, existem cartas autógrafas que podem ser “lidas” nesta chave, ou seja, como “imagens”? Neste sentido, poderia apresentar e comentar algum ou alguns documentos autógrafos de nosso querido Lima para ilustrar sua entrevista, que muito nos honra, para a Manuscrita?

Lilia Schwarcz: Eu começo o livro com um autógrafo de Lima Barreto, que tinha uma letra muito difícil de decifrar. Eu tive que estudar muito para ganhar habilidade em relação a esses autógrafos de Lima Barreto. Às vezes, ele escrevia “Lima”, “Um abraço do Lima”. Às vezes, quando ele não conhecia a pessoa, aí sim ele escrevia “Lima Barreto”. Por vezes, escrevia seu nome mais completo e composto. Eu tenho, sim, me dedicado muito a ler imagens, porque eu penso que nós temos uma visão muito conservadora em relação a elas. Nós fazemos das imagens meras ilustrações, ou seja, elas só dariam “lustro”, quando a gente precisa entender que as imagens são muito mais que isso. As imagens produzem conhecimento, produzem realidades. Então, julgo que essa é uma sugestão muito bonita de vocês: “ler” os autógrafos de Lima Barreto. Eu fiz isso parcialmente no livro, não totalmente. Essa é uma área que pode ser muito explorada. Gostei da ideia, vou seguir em frente com o desafio para estabelecer relações mais claras. No livro, eu destaco como ele, quando se dirigia a escritores dessa geração mais jovem, assinava sempre “Lima Barreto”, ao menos na primeira carta. Mas depois, com a intimidade, o tratamento alterava para “Um abraço do Lima”. Então, analisar esses autógrafos é sim uma forma de ler imagens, é uma forma de dar compreensão a esse desfecho da carta, um desfecho tão relevante, no sentido de mostrar intimidade ou não, mostrar autoridade e distância.

Manuscrita: Como historiadora e biógrafa, quais as questões (metodológicas, críticas e interpretativas) previstas no trabalho com fontes primárias e, em particular, com a correspondência?

Lilia Schwarcz: Eu penso que nós vivemos num contexto de facilidades e de complicações. Facilidades, porque o acesso aos documentos de maneira digital foi potencialmente alterado. Isso é muito importante, porque nem todo mundo, sobretudo aqueles que não vivem na mesma cidade do objeto, da personagem, da figura escolhida, nem sempre têm verba para se deslocar e chegar aos grandes acervos, às grandes bibliotecas. E agora o acesso é muito facultado a partir do espaço virtual. Logo, não há nenhuma dúvida de que isso amplia as possibilidades de pesquisa. Por outro lado, isso diminui esse corpo a corpo com a documentação manuscrita, que eu acho da maior relevância. No meu caso, que não sou carioca, andar pelo Rio, andar pelos subúrbios, tentar anotar aquilo que Lima via nos subúrbios, essa arquitetura misturada, esses fios soltos (os gatos), o emaranhado das ruas de Todos os Santos, as pessoas com suas cadeiras nas ruas... Por exemplo, ao observar uma casa você pode ver a mistura de ladrilhos, pode perceber como os trilhos do trem cortam a cidade, a intimidade dos vizinhos, as lojas de utilidades. Por outro lado, também, ir ao acervo e ter contato com os documentos deixados, coligidos pelo escritor, dá uma entrada metodológica crítica e muito particular. Porque você não vai ler por sobre os ombros de quem já trabalhou com o escritor. Isso possibilita uma entrada nova, uma perspectiva nova, novos *insights* e novas críticas, porque eu penso que ninguém produz sozinho ou sozinha. No meu caso, no caso de Lima Barreto, um escritor tão estudado, e muito bem estudado, eu fui muito ajudada por vários escritores, críticos, professores, que já estudaram Lima Barreto. Ajudada não só por conta da leitura dessas obras, mas também por conta das conversas pessoais. E a mesma coisa vale para os documentos manuscritos: é preciso conversar com eles, é preciso ter uma entrada pessoal com eles, criar maturidade diante deles. Entrada essa de que estamos abrindo mão por conta de supostas facilidades que são, de alguma maneira, óbices, porque impedem que o pesquisador ou pesquisadora entre em contato direto com o seu objeto, o seu personagem de estudo. Então, eu louvo a iniciativa desse grupo de vocês, da *Manuscrita*, no sentido de explorar, de incentivar, também, esse contato direto, isso que eu chamo de “corpo a corpo” com o material original. É ele que dará novas pistas, novos sentidos, novos sinais. É ele que permite, nos termos do historiador Carlos Ginzburg, um conhecimento indiciário, a partir dos detalhes, a partir das pequenas questões que são sempre imensas, são sempre maiores do que podemos imaginar. São os pequenos/imensos detalhes.

Obrigada.